

# Os perigos da sucessão

RAUL PILLA

O lançamento da candidatura do Brigadeiro pela União Democrática Nacional veio forçar a definição que os partidos, seja por considerações de ordem tática, seja por causa de dissídios internos, procuravam retardar. Foi um novo facho de intensa luz no escuro campo das competições presidenciais.

Deu-se, portanto, um grande passo. Enganam-se, porém, os que imaginam estarem com isto vencidas as maiores dificuldades no incerto e acidentado caminho da nossa democracia. Áspera é a luta que se vai travar, múltiplos e fortes os interesses que se vão digladiar e, como em 1937, não faltarão pretextos para dar à sucessão uma solução anômala. Não têm faltado ameaças mais ou menos veladas, que são verdadeiras advertências. Temos contra elas uma defesa — a disposição, em que se encontram as forças armadas, de se manterem fiéis à sua missão constitucional: e dispomos de um talismã — ser militar, como em 1945, um candidato eminentemente civilista, que tamanho e tão merecido prestígio desfruta entre os seus companheiros de armas.

Dê-se, pois, por afastado o perigo de um atentado às instituições vigentes. Ainda assim, difícil será a luta e imprevisíveis os seus resultados.

Penso, por isto, que, se o lançamento da candidatura do Brigadeiro foi um grande acontecimento, que, não tendo desfeito, pelo menos perturbou grandemente as manobras do sr. Eurico Dutra, a solução verdadeira e definitiva do que tem sido, na República, o maior dos nossos problemas políticos — a eleição do presidente — devemos buscá-la, quanto antes, na instituição do sistema parlamentar. É o que não deveriam perder de vista os políticos, de um e de outro campo, que vão tomar a si o próximo embate eleitoral. Já temos, pelo menos, um candidato, e um grande candidato; outros candidatos surgirão necessariamente; mas aí é que reside, justamente, o perigo, que, com o gorado acordo interpartidário se pretendeu em não evitar.

21. IV. 1950